

Igreja de Dons e Ministérios e os Grupos Societários

Reflexão histórica da evolução e não evolução dos grupos societários na perspectiva da Igreja de Dons e Ministérios

Geoval Jacinto da Silva e Nicanor Lopes

Resumo

O artigo estuda se a nova forma de ser, adotada pela Igreja Metodista a partir de 1987 e conhecida como Dons e Ministérios, possibilitou a evolução dos grupos societários — tão bem já caracterizados na prática da Igreja —, ou se estes grupos perderam sua força agregadora. Para estudar o tema, propõe-se realizar uma reflexão em duas direções. Primeiro, por meio dos Cânones de 1934, fazer um recorte histórico do entendimento da Igreja sobre os grupos societários e, posteriormente, refletir sobre a situação dos grupos societários na Igreja de Dons e Ministérios.

Palavras-chave

Vida e missão – dons e ministérios – federações – grupos societários.

Geoval Jacinto da Silva é Bispo da Igreja Metodista, professor da Fateo e do Programa de Pós Graduação em Ciências da religião da UMESP. Nicanor Lopes é pastor metodista, professor da FATEO e doutorando no programa de Pós Graduação em Ciências da Religião da UMESP.

The Church of Gifts and Ministries and the woman, men and youth divisions

Historical reflection on the evolution and non-evolution of social groups in the perspective of the Church of Gifts and Ministries

Geoval Jacinto da Silva and Nicanor Lopes

Abstract

This article proposes to study the question of whether the system of Gifts and Ministries adopted by the Methodist Church beginning in 1987 made possible the evolution of the structure known as women, men and youth divisions characteristic for the practice of the Methodist Church, or if with the new form of being a Church these organizations and its groups on the level of the local church lost their aggregated strength. As such, in order to study this theme the reflection pursues two directions. First, the discussion presents an historical perspective of the understanding of the Church with regard to social groups, with emphasis on the Canons. In second place, the text reflects on the situation of social groups in the Church of Gifts and Ministries.

Keywords

Life and Mission – Gifts and Ministries – Federations
– Social Groups.

Geoval Jacinto da Silva is a Bishop in the Methodist Church, and professor in the School of Theology and the Graduate Program in Religious Sciences, UMESP. Nicanor Lopes is a Methodist pastor and currently pursuing doctoral studies in the graduate Program in Religious Sciences, UMESP.

Iglesia de Dones y Ministerios y los Grupos Societarios

Reflexión histórica de la evolución y no evolución de los grupos societarios en la perspectiva de la Iglesia de Dones y Ministerios

Geoval Jacinto da Silva e Nicanor Lopes

Resumen

El artículo se propone estudiar si el sistema de Dones y Ministerios adoptado por la Iglesia Metodista a partir de 1987 posibilitó la evolución de los grupos societarios tan bien caracterizados en la práctica de la Iglesia o si con la nueva forma de ser Iglesia los grupos societarios perdieron su fuerza agregadora. Por lo tanto, para estudiar sobre el tema, me propongo realizar una reflexión en dos direcciones. Primero, hacer un recorte histórico del entendimiento de la Iglesia sobre los grupos societarios, a través de los Cánones y posteriormente reflexionar sobre la situación de los grupos societarios en la Iglesia de Dones y Ministerios.

Palabras clave

Vida y Misión – dones y ministerios – federaciones – grupos societarios.

Geoval Jacinto da Silva es Obispo de la Iglesia Metodista, profesor de la FATEO y del Programa de Posgraduación en Ciencias de la Religión de la UMESP. Nicanor Lopes es pastor metodista, profesor de la FATEO y doctorando del programa de Posgraduación en Ciencias de la Religión de la UMESP.

Introdução

Neste artigo recordamos a trajetória do *Plano para a Vida e a Missão da Igreja Metodista* (PVM) aprovado no Concílio Geral de 1982, que foi apontando para a recriação de uma nova Igreja com a modalidade conhecida por *Dons e Ministérios*, para entender se houve evolução dos grupos societários – tão bem caracterizados na Igreja Metodista –, ou se com essa nova forma de ser igreja os grupos societários perderam sua força agregadora. Para refletirmos sobre o tema, propomos caminhar em duas direções. Primeiro, através dos *Cânones*, fazer um recorte histórico do entendimento da Igreja sobre os grupos societários e, posteriormente, refletir sobre a situação dos grupos societários no modo de ser Igreja de Dons e Ministérios.

A herança Metodista dos grupos societários

Qual foi a origem dos grupos societários na Igreja Metodista? Em sua primeira tentativa a igreja Metodista chega ao Brasil por volta de 1835 a 1841, com o missionário Daniel Kidder e, finalmente em 1867, com o missionário Junius E. Newman. Implantada em solo brasileiro, a missão metodista e outras igrejas vieram a ser conhecidas como igrejas de missão. Elas escolheram o solo brasileiro para a implantação da fé mediante a mensagem bíblica, vivenciada na propagação do evangelho, e por meio de serviços tanto de caráter educacional como

social. Como igreja de missão ela permanece até 1930, quando deixa de ser um campo missionário e passa a ser Igreja autônoma, isto é, reconhecida como igreja que tem condições de gerir seus próprios recursos, nas dimensões pessoal, pastoral e administrativa.

Quando a Igreja Metodista foi organizada, conforme sua constituição, recebeu toda a influência da igreja mãe, em sua estrutura e organização. Portanto, examinando o primeiro *Cânones da Igreja Metodista* de 1934, encontra-se que os grupos societários são formados e organizados como uma forte expressão da vida da igreja. A seguir, o escopo formativo dos grupos societários, conforme disposição canônica de 1934.

Das sociedades

Da natureza e fins

Art. 291 – Sociedades são grupos organizados nas igrejas para o cultivo de experiências positivas nos domínios da piedade pessoal, da fraternidade cristã, do evangelismo, dos trabalhos humanitários, sociais, literários e recreativos.

Art. 292 – As sociedades previstas no artigo anterior se dividem, segundo a idade de seus membros, em:

- a. sociedade metodista de adultos,
- b. sociedade metodista de jovens,
- c. sociedade metodista de crianças.

§ 1º. – onde há conveniência, as sociedades desdobram-se em duas:

- a. de adultos, por sexo, em sociedade metodista de homens e sociedade metodista de senhoras;
- b. a de jovens, por sexo e idade;

- c. a de crianças, por idade, em duas ou mais sociedades metodistas de crianças.

§ 2º. – Também, onde há conveniência, máxime por motivos de distância ou de existência de diferentes igrejas numa paróquia, podem organizar-se diversas sociedades congêneres.

Da organização das sociedades locais

Art. 293 – As sociedades se sujeitam, na sua organização e atividades, às determinações da Junta Geral de Educação Cristã, a qual lhes providencia as necessárias constituições, de acordo com os Cânones.

Art. 294 – A Igreja só reconhece as sociedades que se organizam de acordo com o padrão estabelecido pela Junta Geral de Educação Cristã.

§ Único – Quando uma igreja não tem elementos suficientes para a organização de sociedades com todos os requisitos do padrão estabelecido pela Junta Geral de Educação Cristã, deve organizá-las com os elementos disponíveis, dentro do referido padrão, visando alcançá-lo (145 – nº. 28).

Das federações regionais e confederações gerais

Art. 295 – As sociedades congêneres podem organizar-se em federações regionais e estas, em confederações gerais, ambas sujeitas à Junta Geral de Educação Cristã, a qual lhes providencia os respectivos estatutos.

§ Único – As federações assim organizadas podem realizar congressos distritais e regionais, e as confederações, congressos gerais.

Art. 296 – As sociedades que não fazem parte de uma federação se organizam de acordo com a constituição estabelecida pela Junta Geral de Educação Cristã e respondem diretamente ao secretário regional de educação ao qual enviam as respectivas taxas.

Das disposições gerais

Art. 297 – Os presidentes das sociedades de adultos, e das de jovens, embora eleitos pelos respectivos plenários, são, contudo, confirmados pelos concílios paroquiais, de que se tornam membros (25, § 1º.).

Art. 298 – As diretoras das sociedades de crianças, embora eleitas pelos gabinetes pastorais, são, contudo, confirmadas pelo concílio paroquial de que se tornam membros, uma vez que sejam membros da igreja.

Art. 299 – É dever dos presidentes das sociedades de adultos e de jovens, bem como das diretoras das sociedades de crianças:

- a. comparecer na assembléia da igreja e apresentar-lhe o seu relatório;
- b. comparecer no concílio paroquial e apresentar-lhe o seu relatório;
- c. estar presentes às reuniões do gabinete pastoral;
- d. atender aos pedidos de informações dos secretários distritais, regionais e gerais;
- e. fazer cumprir a legislação da igreja no que diz respeito às sociedades a que presidem.

Como é perceptível, a inclusão dos grupos societários na Igreja Metodista demonstra que eles são concebidos na estrutura de crescimento e, com muita possibilidade, de transformar a sua participação na vida da Igreja tanto em foco de serviço como, também, de poder. O modelo de organização nasce em todos os níveis obedecendo a faixa etária de idade; tendo início na igreja local, vai para os distritos eclesiásticos e as regiões, até alcançar o nível nacional. São

criadas: sociedades, federações e confederações, todas subordinadas à Junta Geral de Educação Cristã. Portanto, o que a lei da Igreja faz é dar reconhecimento aos grupos societários que, seguramente, já existiam na prática das igrejas antes da autonomia e, por certo, com bons resultados. Eula L. Kennedy escreve o seguinte sobre a primeira sociedade de mulheres:

Os primeiros missionários que vieram dos Estados Unidos perceberam logo a urgência de empregar nas igrejas os talentos e a dedicação da brasileira crente. Foi assim que o Rev. J. L. Kennedy organizou, em 1885, na igreja do Catete, no Rio de Janeiro, a Primeira Sociedade de Senhoras, batizando-a com o nome de Sociedade Missionária (Kennedy, 1968, p. 200-2001.).

Também é importante destacar que, no decorrer de 1930/1988, os grupos societários por meio de suas Confederações alcançam status tão privilegiado na vida da igreja que, já em 1929, havia sido criado pelas mulheres e para as mulheres a revista "Voz Missionária". Porém, em 1920 foi criada para as crianças a revista "Bem-Te-Vi. Os juvenis a "Flâmula Juvenil", os jovens a "Cruz de Malta" e os homens a revista "Homens em Marcha", que depois passou a ser "Em Marcha". Toda esta identidade já estabelecida na Igreja dá sustentação aos grupos societários. Também o modelo administrativo local, ou seja, a "junta de ecônomos", geralmente composta por homens e algumas mulheres. O cargo de guia leigo, segunda pessoa da igreja após o pastor, geralmente era exercido por um homem. A superintendên-

cia da escola dominical e seus professores tinham uma composição mista. Todo este modelo também possibilitava a manutenção e o crescimento dos grupos societários. Era dos grupos societários que juvenis e jovens sempre saíam quando se sentiam chamados para o ministério pastoral. Alguns, antes de serem enviados à Faculdade de Teologia, passavam pelos pré-seminários. Também é de se destacar que as moças que se sentiam despertadas para um serviço ministerial eram encaminhadas para o Instituto Metodista (inicialmente em Ribeirão Preto, depois em São Paulo, Santo Amaro) uma escola que visava ao preparo de moças para o trabalho da educação cristã.

Este cenário representava os grupos societários e sua íntima relação com a igreja. Entretanto, é a partir da década de sessenta que os grupos societários começam a enfraquecer. O grupo societário, representado pela juventude, sem nos atermos aos méritos, contou com diversos fatores internos e externos da Igreja que contribuíram para o enfraquecimento do modelo pré-estabelecido pela Igreja Metodista.

Os grupos societários e a Igreja de Dons Ministérios

No final da década dos anos oitenta a Igreja Metodista, reunida em seu XIV Concílio Geral, tomou a decisão de estruturar-se de forma mais missionária do que administrativa, isso porque os resultados até então obtidos com sua tarefa missionária não respondiam mais aos anseios do povo metodista diante dos novos desafios em que a Igreja estava vivendo, ou seja, o povo fazia novas perguntas e exigia da igreja novas repostas. Rui afirma:

Creemos que o Concílio Geral, ao tomar a grave decisão de renunciar às estruturas e à Igreja em torno de cargos, abriu uma ocasião para a Igreja de amor e de serviços, para a igreja Ministerial (Rui, 1991, p. 16).

Portanto, impulsionada pelo sopro do Espírito e à luz dos seus Planos quadrienais 1974 e 1978 e, finalmente, com o Plano de Vida e *Missão 1982*, a mesma é levada a organizar-se como igreja de Dons e Ministérios. Clóvis afirma que:

A ênfase na Igreja de Dons e Ministérios, fortemente presente no XIV Concílio Geral, trouxe um novo alento, uma nova esperança à Igreja Metodista. O período de 1982 a 1987 tinha sido marcado por muitas crises e tensões na vida e missão da Igreja Metodista. Era preciso encontrar uma nova linguagem que possibilitasse o avanço missionário da Igreja Metodista. E que permitisse uma unidade criativa em meio à diversidade.

Na opinião dos Bispos era:

A oportunidade de Deus para a sua Igreja, visando uma auto-avaliação, uma revitalização, uma reciclagem, um reencontro com Deus, com a pessoa humana, com a história e com a Missão. O Concílio torna-se-á porta aberta de Deus para sua Igreja (Relatório do CE ao XIV Concílio Geral, p. 7).

O XIV concílio Geral marcou fortemente a vida e a missão da Igreja Metodista. A Igreja Metodista havia chegado ao XIV Concílio Geral bastante dividida: carismáticos, conservadores e liberais progressistas, cada um buscando aumentar seu espaço de poder nas estruturas eclesiais e nas Instituições de Ensino. O Plano para a Vida e a Missão da Igreja, de corte liberal-progressista, aprovado em 1982, havia incomodado a setores da Igreja, principalmente aos conserva-

dores e carismáticos. Houve muita resistência na sua discussão e aplicação. Poucas igrejas locais e instituições de ensino tomaram conhecimento mais profundo e conseqüente sobre o PVM.

A IM tinha poucas alternativas em 1987, diante do XIV Concílio Geral. Uma delas era continuar dividida, alternando no poder os diversos grupos ou, em alguns casos, dividindo o próprio poder e, portanto, sem muitas perspectivas missionárias. Outra alternativa era encontrar uma linguagem que pudesse aproximar tais grupos e que permitisse o surgimento de uma nova Igreja.

A proposta de uma Igreja Ministerial, organizada em Dons e Ministérios, valorizando a dinâmica da igreja local, com uma estrutura burocrática mais flexível e enxuta, foi o caminho encontrado para forjar essa nova igreja.

O movimento de Dons e Ministérios criou na vida da IM uma nova esperança, um novo ânimo. Percebia-se que era possível a unidade (mesmo que em meio às diferenças) em torno de um projeto de igreja mais missionária (Castro, 1991, 24-25).

Qual foi o lugar dos grupos societários na Igreja de Dons e ministérios?

Claro que a estrutura de uma Igreja sustentada em princípios bíblicos teológicos e pastorais de Dons e Ministérios é também desafiada a rever seus diversos segmentos; tal procedimento não surge de uma hora para outra, é preciso muito diálogo, sabedoria e discernimento. A mudança proposta por Dons e Ministérios não considerou uma evolução na organização como um todo, mas objetivava uma crise pontual ligada à perda de identidade religiosa; no novo formato, Dons e ministérios não excluía definitivamente uma das organizações mais tradicionais da identidade metodista, os grupos societários. A resistência ao novo modelo significava a crise do desconhecido. Como no Concílio Geral a decisão foi de excluir os leigos da administração geral, certamente o

temor de perda de espaço era o mais evidente para os membros leigos. Quem podia garantir que as novas normas eclesiais (Cânones de 1988) não representavam esconderijos e máscaras que o clericalismo estava utilizando para exercer um domínio exclusivo. Como diz Vasconcelos:

Como não se mudam rapidamente estruturas internas frutos de uma ação adaptativa desenvolvida durante anos, a resistência à mudança pode ser diminuída à medida em que se dê possibilidades de ação ao indivíduo, dentro da nova estrutura, onde ele possa utilizar os meios de ação e cognição desenvolvidos na estrutura organizacional anterior para identificar-se com o novo projeto de organização proposto, adaptando parcialmente suas estratégias de ação às novas perspectivas que lhe são oferecidas. Trata-se de efetuar um diagnóstico anterior do sistema social e de prever-se, dentro do processo de mudança organizacional, uma estrutura de transição que oferece aos atores sociais um espaço de reconstrução identitária individual e/ou coletiva (Vasconcelos, 2005, 47-49)

Algumas experiências vividas com o objetivo de inspirar pessoas e colocar em práticas alguns ensaios da nova Igreja foram se concretizando com bastantes resultados. Entretanto, também foi sendo constatado que os grupos societários eram um foco de resistência ao novo modelo de Igreja porque pessoas, não muito interessadas no projeto, adiantavam-se dizendo que a nova Igreja iria extinguir os grupos societários em todos os seus níveis, constatação que não era totalmente verdadeira. Portanto, foi necessário "todo um trabalho de mudança de mentalidade de leigos e pasto-

res(as) teve que ser enfrentado" (Magali, 2001, p. 68-69). Nesta direção foi muito importante a contribuição oferecida pelo Dr. Reily que resgata um pouco do sentir do movimento da Reforma, para que houvesse a fixação da mesma. Afirma Reily:

Não é à toa que todos os reformadores tiveram muito trabalho em orientar a Igreja e mesmo coibir abusos. Calvino chegou a escrever cartas e opúsculos sobre o verdadeiro modo de reformar a Igreja. A reforma passou por uma reafirmação da piedade cristã, do culto, da pregação e dos ministérios, além das preocupações com a saúde doutrinária. Wesley, por exemplo, que tanto enfatizou a "experiência vital", foi obrigado a muitas vezes e de modo veemente orientar o caminho da piedade cristã que ameaçava deteriorar-se no movimento metodista. Isso ele conseguiu dando à "experiência vital" um lugar assegurado mas não como o centro das preocupações. A "experiência vital", para ele, era insuficiência para orientar em questões bíblicas, doutrinárias ou em questões de missão da Igreja. (Reily, 1991, p. 50).

Também destacou Reily, sobre o ministério desenvolvido pelos leigos:

Se Wesley teve preocupações em orientar o povo metodista em sua reforma no século XVII, é também verdade que o movimento representou uma reforma de ministério, onde o ministério leigo assumiu um papel novo e destacado. Não podemos esquecer que o movimento metodista na sua busca de fidelidade e discernimento foi em um de seus aspectos centrais uma reforma de ministérios com várias outras reformas que vieram como conseqüências da reforma na hinologia, forma de culto, pregação e sistema administrativo Reily, (1991, p. 50-.51)

A nova Igreja iria sim encontrar, na dinâmica de uma igreja ministerial, a melhor forma de expressão de serviços missionários para os grupos societários em todos os níveis da Igreja Metodista. Neste sentido, a contribuição de Reily, foi e continua sendo

significativa a partir da reflexão sobre "O Sacerdócio Universal de Todo os Crentes". Afirma:

Lutero desenvolveu essa doutrina principalmente num escrito polêmico contra a igreja católica que se definia pela oposição do clero (hierarquia) e do povo. O princípio é baseado no texto clássico de I Pedro 2.9-10 e propõe Jesus Cristo como único sacerdote e como o verdadeiro templo. Todo sacerdócio é abolido, todo sacrifício é abolido. O sacerdócio universal e o sacrifício universal é restaurado em Cristo.

Ser sacerdote significa ser mediador entre Deus e os homens. O novo sentido do sacerdócio universal de todos os crentes implica que cada um de nós é sacerdote para o outro e que todos somos sacerdotes no corpo de Cristo, mas sermos sacerdotes um dos outros é uma crítica à hierarquia de caráter exclusivista e coloca todos, leigos e leigas, pastores e pastoras em igualdade no exercício fundamental do sacerdócio do Corpo de Cristo (Reily, 1991. p. 51-52).

Portanto, observamos que a Igreja também tem procurado cautelosamente configurar nos Cânones a nova forma de relacionar-se com os grupos societários e sua maneira de atuação nos segmentos da Igreja, sempre a partir da consciência de ministério inteiramente interligado com os demais ministérios da Igreja; a legislação de 1988 afirma, tanto em nível regional e local, que a *Igreja é ministerial* e quem dela participa precisa ter clareza desta nova maneira de agir. Ocorreram problemas? Sim!

A legislação — Cânones da Igreja — sobre os ministérios da Área Regional foi bem específica quando afirma:

Art. 104 – O trabalho desenvolvido na área regional sob a coordenação, supervisão e controle do Bispo-Presidente, toma a forma de ministérios reconhecidos pela Igreja.

Art. 105 – O funcionamento dos ministérios regionais é disciplinado em regimento aprovado pelo Concílio Regional, segundo diretrizes dos órgãos superiores.

Art. 106 – Os ministérios regionais são exercidos por pessoas convidadas e designadas pelo Bispo-Presidente, para executarem o Programa Regional das Atividades e demais tarefas dele decorrentes.

Com relação aos ministérios locais os Cânones afirmam:

Art. 134 – O trabalho desenvolvido nas igrejas locais toma a forma de ministérios por elas reconhecidos.

Parágrafo único – O funcionamento dos ministérios locais, coordenado pelo Pastor-Presidente, é determinado em regimento e normas aprovadas pelo Concílio Local, segundo as diretrizes dos órgãos superiores.

Art. 135 – O Concílio Local estabelece a organização da igreja local, segundo os dons concedidos pelo Espírito Santo e ministérios dos seus membros, homens e mulheres, e as necessidades de serviço da comunidade.

Em decorrência disto, os grupos societários locais e regionais, pela legislação, têm seu funcionamento a partir de sua caracterização como ministério e, portanto, deveriam fazer parte dos planos de ação de suas respectivas áreas. Em nível Nacional as Confederações, num primeiro momento, ficaram interligadas ao Colégio Episcopal que tinha a responsabilidade administrativa e pastoral da Igreja. Porém, nos exercícios eclesiais seguintes passam a fazer parte da Coordenadoria Geral de Ação Missionária – COGEAM. Pela falta de definição do próprio projeto de Dons e Ministérios alguns problemas estiveram presentes e causaram

diversas dificuldades, entre eles podemos perceber que o sistema de Dons Ministérios fortaleceu o clericalismo na igreja permitindo assim que, em muitas situações, pastores/as assumissem a responsabilidade de indicar os coordenadores de ministérios de acordo com seus próprios interesses. Vejamos este relato indicado por Magali:

O vazio na orientação fez por reforçar o clericalismo de pastores(as) que, longe de uma mentalidade que favoreça a participação democrática e a pluralidade de idéias, decidiram por indicar eles (as) próprios (as) os representantes de cada ministério, sendo tentados(as) a optarem por aqueles(as) pessoas afinadas com sua forma de pensar e de conduzir a vida da Igreja, e a substituírem arbitrariamente aquelas que manifestarem posições críticas.

Neste sentido os presidentes de Federações sentiram que suas atividades também estavam sendo limitadas por falta de definição e linhas de ação na vida da igreja. Nesta direção Magali afirma que:

O objetivo de dar mais participação aos leigos(as) da Igreja foi razoavelmente atingido no que diz respeito ao trabalho, mas não no que diz respeito ao poder na Igreja. O sistema de Dons e Ministérios na prática acabou por reforçar o clericalismo imbuído na Igreja no que se refere ao poder de decisão das questões relevantes no interregno dos Concílios Locais e Regionais. Com isso, pastores (as) e bispos passaram a ser os grandes administradores da Igreja e detentores das muitas decisões de ordem política. No nível local, houve uma massificação da membresia e perdeu-se o mínimo de representação leiga e societária como era o antigo Conselho Local (Magali, 2001, 71).

Os dez primeiros anos de prática do sistema de Dons e Ministérios, por falta de um programa de implantação que contemplasse os diversos níveis da Igreja e os grupos societários estiveram bem desarticulados em suas ações no sentido do envolvimento e participação da liderança leiga. Magali afirma que, no 16º Concílio Geral, 1977, procurou-se corrigir tanto as dificuldades de governo, como também a operacionalização de sua estrutura criando a figura das coordenações locais, regionais e nacionais de ação missionária” (Magali, 2001, p. 71).

As coordenações permanecem nos demais Concílios Gerais, 17º. e 18º., 2002 e 2006, sem maiores alterações. É importante salientar que o único grupo societário que vai ser acompanhado por coordenação são as crianças, nos níveis local, regional e nacional. Os demais grupos seguem com a antiga nomenclatura de Sociedades, Federações e Confederações. Numa tentativa de encontrar formas de ação na Igreja de Dons e ministérios, em busca de uma revitalização dos grupos societários, em 1996, na Quinta Região Eclesiástica, duas federações, homens e mulheres, articularam-se e, envolvendo os grupos societários locais, criaram o projeto “Uma Semana pra Jesus”, neste ano na 12ª. versão. Suas intenções são assim descritas pelos fundadores:

O Projeto Missionário *Uma Semana Pra Jesus* é o resultado de uma visão dos leigos e leigas, dirigentes das Federações das Sociedades Metodistas de Homens e de Mulheres da Quinta Região Eclesiástica, de que a Igreja deve sair de dentro das quatro paredes do templo e cumprir o que está definido em nossos cânones, que dizem “A missão acontece quando a Igreja sai de si mesma, envolve-se com a comunidade e se torna instrumento da novidade do Reino de Deus. À luz do conhecimento da Palavra de Deus, em confronto com a realidade, discernindo os sinais

do tempo presente, a Igreja trabalha, assumindo os dramas e esperança do nosso povo" (*Igreja Metodista, Cânones, p. 82*). Foi assim que o Projeto Missionário Uma Semana Pra Jesus tornou-se instrumento de expansão missionária da Quinta Região Eclesiástica da Igreja Metodista. Ele é mais uma oportunidade que a Igreja oferece aos seus membros, leigos/as e clérigos/as, mediante a coordenação das Federações das Sociedades Metodistas de Homens, de Mulheres, de Jovens e de Juvenis, para colocarem os seus dons a serviço da população, reunindo num só propósito o atendimento integral ao ser humano, através dos/das médicos/as, dentistas, acadêmicos/as de medicina e de odontologia, de assistentes sociais, psicólogos/as, protéticos/as, enfermeiros/as, fisioterapeutas, fonoaudiólogos/as, nutricionistas, educadores, advogados/as, pedreiros, serventes e mestres-de-obras, pintores, encanadores, serralheiros, carpinteiros, engenheiros/as, eletricitas, pastores e pastoras, evangelistas, ministros/as de louvor e de teatro, costureiras, cozinheiras/os, cabeleireiras/os, e todos/todas possuem dons para trabalhos manuais, etc. (Igreja metodista, Projeto Missionário "Uma Semana para Jesus", Ano X, nº.05, Novembro/2005, p. 06)

Como se pode observar os leigos e leigas, membros dos grupos societários fundamentam suas ações missionárias no Plano Vida e Missão.

Por que é tão difícil mudar? Quando observamos as estruturas da inclusão dos grupos societários da vida da Igreja Metodista, evidenciam-se certas práticas que, no decorrer da história, precisavam ser ajustadas ao momento histórico e às necessidades de cada tempo e participantes. Entretanto, pela falta do ajustamento, pelo crescimento e amadurecimento dos grupos e pelas

fortes ênfases da Igreja de Dons e Ministérios, alguns grupos societários estão desarticulados e desmotivados.

Nos resultados da Avaliação Nacional, realizada para o 18º. Concílio Geral 2006, constam os seguintes dados sobre os grupos societários:

Sociedade	Frequência (nº de citações pelas igrejas locais)
Grupo de Mulheres Sociedade de Mulheres	98
Grupo de Jovens Sociedade de Jovens Mocidade Adolescentes/Grupo de Adolescentes	76
Sociedade de Juvenis / Projeto Juvenil	57
Grupo de Homens Sociedade de Homens	51
Sociedade Mista – Jovens e Juvenis	17

(Igreja Metodista. avaliação da implementação do plano nacional: objetivos e metas e do programa nacional de atividades, 2006, p.94)

A Avaliação Nacional – que obedeceu a critérios de pesquisa por amostragem – além dos números acima apresentou várias outras informações e, assim, possibilitou uma compreensão da atuação dos grupos societários no atual momento da igreja de Dons e Ministérios.

Ainda que haja dúvidas quanto ao exercício do papel das sociedades, das federações e confederações, foi considerado o valor da cooperação delas na dinâmica das igrejas e das ações em nível regional. O modelo está defasado; é necessário ser revisto a partir da dinâmica de Dons e Ministérios. Por outro lado, há pessoas que definem que os grupos societários preparam seus integrantes para trabalhar na dinâmica

de Dons e Ministérios, que a participação em projetos ajuda inspira a melhoria dos trabalhos nas igrejas locais. Os projetos – Julho para Jesus, Uma Semana pra Jesus, Passa à Macedônia – têm um papel importante na dinâmica da Igreja. Apontam também que os grupos societários mais atuantes são, pela ordem, mulheres, juvenis, jovens e homens. Este último é avaliado como o mais frágil.

A Confederação de Homens, ao participar da Avaliação, apresenta duas formas pelas quais os grupos societários de homens não estão atuando totalmente na dimensão de Dons e Ministérios:

Em primeiro lugar, pelas próprias limitações dos grupos societários de homens, nem sempre bem organizados nas igrejas locais fundamentalmente pela ausência de lideranças. Muitas vezes, dos poucos homens ativos na igreja, os mais ativos estão ocupados nas funções de liderança local, não se envolvendo com o grupo societário. Depois, porque um bom número de pastores não simpatiza com os grupos societários, não ajudando na sua organização e até mesmo impedindo ou dificultando o seu desenvolvimento. Por outro lado, atuam, parcialmente, devido ao entrosamento existente entre Federações e os diversos órgãos regionais e, na igreja local, onde possível, no real envolvimento do grupo societário com a dinâmica da igreja local.

Três Federações de Jovens avaliam que não atuam com Dons e Ministérios e quatro que sim. Para estas, boa parte da liderança das igrejas locais é com-

posta por jovens (professores/as de Escola Dominical, líderes de grupos pequenos, ministrantes de encontros, participantes de ministério de louvor, e muitos jovens evangelistas).

Uma das Federações de Mulheres analisa que não os grupos societários não têm conseguido atuar na dimensão dos Dons e Ministérios. Elas estão envolvidas nos ministérios de oração/ intercessão, visitação e ação docente, terceira idade. Colocam a criatividade, a disponibilidade, a sensibilidade e o compromisso a serviço.

Os grupos mais atuantes foram os de mulheres, jovens e juvenis (estes últimos, em algumas igrejas, formam sociedades mistas). Os de homens, aparentemente, foram menos expressivos. Uma das maneiras que os/as pastores/as encontraram para colaborar no fortalecimento de todos os grupos é incentivar o intercâmbio com outras igrejas (por meio de visitas) e participar de atividades distritais e/ou regionais.

Vale ressaltar que, na amostra dentre as igrejas, recolhida pela Avaliação, o que sobressaiu é uma predominância quantitativa de grupos de mulheres e de jovens e uma aproximação numérica entre grupos de juvenis e de homens. Entretanto, se levar em conta as "sociedades mistas" de jovens e juvenis, então a diferença numérica aumenta e os grupos societários de homens ocupam último lugar.

Considerações finais

A capacidade dos grupos societários de reagir à mudança, por meio das federações, espaço típico da organização leiga da Igreja Metodista, revela que de forma ágil e eficiente é possível realizar mudanças operacionais na gestão eclesial. Estruturas orga-

nizacionais que facilitem o processo de mudança são discutidas diariamente nas organizações. No entanto, o processo de mudança não é simples; no ambiente eclesial essas mudanças se tornam mais difíceis, uma vez que existem muitos fatores que se inter-relacionam e afetam a dinâmica da mudança.

Da mesma forma que a estrutura organizacional mexe com valores teológicos da eclesiologia, ela também afeta os valores culturais arraigados nas igrejas. E não podemos deixar de fora a influência dos valores externos na construção de novas formas organizacionais. A influência das igrejas midiáticas – que concentram as suas ações na lógica de consumo, trocas simbólicas e centralizadas na figura carismática dos clérigos – certamente contribui para que o metodismo brasileiro vivencie suas dificuldades organizacionais numa igreja de estrutura híbrida.

Para dirimir tais dificuldades vale a pena conferir os indicativos que o *Plano Nacional Missionário* aprovado no último Concílio Geral, em 2006, recomenda:

(A) – Área Nacional da Igreja.

Em sua dimensão nacional, a Igreja Metodista como comunidade a serviço do povo se expressa com estas principais competências: (1). Tornar visível a face da Igreja e audível a sua mensagem, a sua palavra profética para nosso tempo, país e confins da terra, em meio à global realidade do mundo. A ação profética pública une a visão da Palavra e do Reino com a realidade social, religiosa, política, cultural, econômica e ética que afeta profundamente a vida do povo. A responsabilidade

missionária profética contribui para ajudar as igrejas locais e instituições a também cumprir, em outra dimensão e de outros modos, a mesma tarefa. (2). Fortalecer e promover, da esfera nacional à local, a doutrina, identidade, unidade, conexidade e ação missionária da Igreja Metodista.

(B) – Nível regional. Compete aos níveis regionais (Região ou Campo Missionário), inspirados pelas orientações e diretrizes da Igreja, planejar e articular a ação missionária em um Plano de Ação que atenda às características sociais e culturais da área sob sua abrangência. É sua responsabilidade promover e orientar aos Distritos e Igrejas locais.

(C) – Nível Distrital. O Distrito, em seu modo de estar em missão, é um espaço no qual acontece a integração, articulação e promoção da ação missionária com as igrejas locais, em conexão e solidariedade. O Distrito Eclesiástico propicia a comunhão, a fraternidade, o compartilhar e o pastoreio mútuo entre lideranças locais, pastores/pastoras e diferentes ministérios.

(D) – Igreja local. Vista e entendida como a agência básica da ação missionária da Igreja, é decisiva a sua configuração em Dons e Ministérios. Esse é o modo metodista de fazer missão e forma de garantir que esteja visível a ação da Igreja Metodista, e dessa com a Igreja Corpo de Cristo, em seu compromisso com a integridade das pessoas, da coletividade e de toda a criação. A Igreja é uma comunidade de servos e servas de Jesus Cristo, anunciando e vivendo o Evangelho em atos de piedade, obras de misericórdia, espaço de adoração, acolhimento. Há um sacerdócio universal de todos os crentes. Os Cânones da Igreja esclarecem sobre deveres a serem cumpridos pelos membros, sejam clérigos ou leigos. A Igreja local caminha na Graça, serve com os dons, produz os frutos do Reino de Deus. Ela é *Comunidade missionária a serviço do povo, espalhando a santidade bíblica sobre toda a terra*. Esforços e recursos precisam voltar-se para esta base missionária.

Referências bibliográficas

- CASTRO, C. P. e Cunha, M. N.
Forjando Uma Nova Igreja.
São Bernardo do Campo:
EDITEO, 2001.
- IGREJA METODISTA. Cânones. São
Paulo: Imprensa Metodista,
1934.
- IGREJA METODISTA. Projeto
Missionário "Uma Semana pra
Jesus", Ano X – nº 05,
Novembro/2005, p.06)
- _____. Cânones.
São Paulo: Imprensa
Metodista, 1988.
- _____. Cânones.
São Paulo: Ed. Cedro, 2007.
- _____. Avaliação da
implementação do Plano
Nacional: Objetivos e Metas e
do Programa Nacional de
atividades, São Paulo
[apostila], 2006.
- JOSGRILBERG, R. e REILY, D.A. Dons
e Ministérios Fontes e
Desafios. Piracicaba: Editora
Agentes da Missão, 1991.
- K. LONG, E. Do Meu velho baú
Metodista. São Paulo:
Imprensa Metodista, 1968.
- VASCONCELOS, I.F.F.G.A
Administração de Recursos
Humanos e os Processos de
Formação de Identidade no
Trabalho. Uma Análise Crítica
da Mudança Organizacional da
Bull/França. São Paulo: FGV –
Tese, 1997.